

Infância nas aldeias Guarani: um modo próprio de estar dos *Kyringüe*

Maria Aparecida Bergamaschi¹

Resumo:

Este trabalho apresenta uma etnografia realizada em três aldeias Guarani do Rio Grande do Sul, cujo olhar foi dirigido às crianças, realçando o seu modo de estar e dispor-se ao mundo, a educação tradicional que forma a pessoa guarani desde a infância e a relação delas com a escola. A partir de uma convivência afetiva, as crianças guarani mostram o seu modo alegre, curioso e observador de estar no mundo, realçando diferenças identitárias produzidas nos limites cosmológicos de duas sociedades – a indígena e a não-indígena –, bem como as semelhanças que possibilitam o encontro e configuram-se no âmbito da humanidade.

Palavras-chave: Crianças Guarani. Educação Guarani. Crianças indígenas.

CHILDHOOD IN *GUARANI* VILLAGES: a typical way of being *Kyringüe*

Abstract:

This work introduces an ethnography carried out in three Guarani villages in Rio Grande do Sul, focused on children, highlighting their way of being and putting themselves in the world, the traditional education that forms the Guarani person from childhood and their relationship with school. Based on an affective coexistence in the community, Guarani children show their joyful, curious and observant way of being in the world, highlighting identity differences produced in the cosmological limits of two societies: the indigenous society and the non-indigenous society, as well as those similarities that make the convergence possible, configured in the field of humankind.

Keywords: Guarani children. Guarani education. Indigenous children.

¹ Doutora em Educação e licenciada em História. Professora-adjunta na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisadora da temática de Educação Indígena junto ao povo Guarani-RS é autora de artigos e capítulos de livros acerca da Educação Escolar Indígena e Ensino de História. cidabergamaschi@terra.com.br

Com-viver com *kyringüe*:² o “estar aí” das crianças nas aldeias

Com-viver, viver em comum com os Guarani. Com isso tenho-me ocupado intensamente nos últimos anos. Convivi e convivo com os Guarani nas constantes visitas a suas aldeias; nas inúmeras reuniões que realizamos: nas aldeias, na universidade e na Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul; nos telefonemas freqüentes de professores e algumas lideranças; nas leituras sobre a cosmologia Guarani, que sustentam e modulam meu olhar; no tema de minhas conversas, tanto pessoais como nos grupos de trabalho na universidade; nos sonhos, modo especial de comunicação para os Guarani, maneira pela qual aprendi a perscrutá-los. É esse intenso com-viver que me possibilita compreender o *Nhande Reko*, o modo de ser Guarani, e dirigir meu olhar à escola, foco das atividades de pesquisa e extensão que desenvolvo desde a realização do Doutorado.³

Nessa convivência fiquei muito próxima das crianças, sobre as quais penso, não só por isso – foram e são as principais acolhedoras da minha presença nas aldeias e, em decorrência, a possibilidade de falar acerca da vida *Kyringüe*. Aprofundi meu trabalho em três comunidades, assim denominadas: *Tekoá Anhetenguá*, *Tekoá Jataí’ty* e *Tekoá Igua’Porã*. Nas duas primeiras a escola já existe e funciona na aldeia; a terceira optou por não ter escola, aliás, evidência de um dilema vivido nas comunidades que conheço: querer ou não querer escola na aldeia.

Com o intuito de compreender o modo de ser Guarani, constituí uma forma de com-vivência que, inspirada em Maffesoli (2001), denominei “estar-juntos”. Sem um planejamento fechado sobre o que fazer, elegi como importante, para observar na vida Guarani, todas as pequenas coisas, os detalhes, os

² Ao final apresento um vocabulário das palavras e expressões no idioma Guarani que uso no decorrer do texto.

³ Esse texto foi elaborado com base na tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da UFRGS em outubro de 2005 intitulada “*Nhembo’e*. Enquanto o encanto permanece! Processos e práticas de escolarização nas aldeias Guarani”.

silêncios, os olhares, a intensidade da vida diária e seus pequenos nada. Imbuída de uma ética de respeito, de escutar e de falar com as pessoas, conferindo sentido à convivência, propus-me a compreender os significados atribuídos à escola, descrever o funcionamento dessa instituição e observar a sua relação com o cotidiano, principalmente das crianças, foco do meu olhar neste trabalho, em que descrevo a minha compreensão do modo de vida e da educação dos *kyringüe*, inserindo – ou não – a escola nas suas ocupações.

O “estar-juntos” constitui a base da etnografia, tônica metodológica da pesquisa, que, segundo Maffesoli (2001, p. 142, 176), auxilia na construção de uma “justa visão daquilo que é o outro”, de um “identificar-se com ele, ainda que seja de modo provisório, e examinar seus atos a partir do interior, sem *a priori*s judicativos ou normativos”. A vivência, caracterizada como “experiência sensível”, não exclui o “rigor intelectual”, no entanto não aceita apenas “conceitos desencarnados” e nem concorda com uma atitude arrogante de superioridade em relação ao outro. Conhecer as comunidades Guarani e considerar o que diferencia a sua concepção de mundo da cosmologia ocidental moderna que predomina entre os não-indígenas assinala, ao mesmo tempo, que o *com* da com-vivência aponta também para “um mundo compartilhado”. Reconheço, portanto, que há algo semelhante, que aproxima os “dois mundos” e que possibilita o encontro. Apresento, na seqüência, as aldeias com as quais convivi, descrevendo como percebo nelas a presença das crianças.

Igua'Porã, que em português quer dizer poço bonito ou água boa, é uma aldeia com 1.852 hectares de terra demarcados e homologados sob o decreto s/n de 01/08/2000 (Ladeira; Werá Tupã, 2004). A aldeia está situada na Pacheca, às margens do Rio Camaquã, distante quase 60 quilômetros da cidade, no município de Camaquã, RS. São cerca de 60 pessoas que compõem as 13 famílias, e, embora quase todos os moradores da aldeia mantenham algum laço de parentesco, pois essa é a base da organização social dos Guarani, a conformação espacial mostra uma aglutinação por famílias nucleares. Essas famílias cultivam os alimentos tradicionais: milho, batata-doce, melancia, mandioca, feijão, amendoim e moranga, especialmente o *Avaxi ete*, milho da tradição Guarani, considerado sagrado, com o qual eles têm um cuidado

especial na conservação das sementes, muito apreciadas para a elaboração de *Mbita* e *Mbujapé*, alimentos tradicionais. Não existe escola na aldeia, embora se constate que algumas pessoas sabem ler e escrever.

Cantagalo, como é conhecida entre nós a *Tekoá Jataí'ty*, fica a 40 quilômetros do campus central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, numa região de fronteira entre os municípios de Viamão e Porto Alegre. Devido à proximidade urbana, recebe diariamente a interferência de não-índios, seja pelos que visitam a aldeia, seja pelas saídas diárias de muitas pessoas. *Jataí'ty*, em português, quer dizer abundância de butiá, fruta nativa que marca a paisagem da aldeia, composta por quase 30 famílias e uma população aproximada de 160 pessoas. A área é de 286 hectares já demarcados, por meio da portaria do Ministério da Justiça nº 1958 de 27/11/2003, sendo que grande parte das terras ainda não foi homologada (Ladeira; Werá Tupã, 2004). Ao concretizarem a posse total da terra, terão uma *Tekoá* com características naturais que se aproximam do sonho Guarani: terra mais adequada para a plantação, região de matas ampliada e a possibilidade de uso de um grande açude, tanto para pesca quanto para banho. Em geral, as famílias fazem uma pequena roça, onde cultivam os alimentos da tradição.

A atividade escolar faz-se presente na paisagem da aldeia. Nos dias de aula, crianças de banho tomado e cabelos bem penteados percorrem as trilhas que levam até a escola, carregando seus materiais. Segundo relatos do professor, a escola funciona desde 2000, ainda sem reconhecimento oficial do Estado, e só no início de 2007 o prédio próprio para a escola foi construído, atendendo a solicitações da comunidade. Tem funcionado na aldeia, em alguns períodos do ano, aula para os adultos, inserida no Programa Alfabetiza Rio Grande, desenvolvido pela Secretaria de Estado de Educação. Mais de 20 pessoas, homens e mulheres, demonstram interesse pela escola, e alguns jovens inclusive continuam seus estudos em escolas não-índigenas – para além dos anos iniciais do Ensino Fundamental, que é dado na escola da aldeia.

A Lomba do Pinheiro é a aldeia Guarani situada no município de Porto Alegre, a dez quilômetros da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, campus do Vale. Sua denominação indígena é *Tekoá Anhetenguá*, que significa Aldeia da Verdade, pois, segundo seus moradores, é o espaço em que buscam viver o *Nhande Reko*, ou seja, o sistema tradicional Guarani. A palavra *Anhetenguá* também significa liberdade, “pois é o lugar em que os Guarani podem viver de acordo com o verdadeiro modo de ser”, adverte o cacique José Cirilo. São 12 famílias nucleares, configurando uma população de 75 pessoas, a maior parte proveniente da Argentina. Todas as pessoas são falantes do idioma Guarani, reconhecido por eles como *Mbyá-Guarani*. Esse pequeno espaço, de dez hectares de terra, foi, num primeiro momento, designado como lugar de passagem ou Área de Trânsito – AT –, destinado a abrigar os Guarani que se dirigiam à cidade para participar de reuniões, buscar tratamentos de saúde em hospitais, fazer documentos ou vender artesanato.

Longe de oferecer as condições adequadas para uma *Tekoá*, nos moldes tradicionais, o espaço físico da Lomba do Pinheiro é restrito a uma área de 10 hectares. Em pequenos espaços que “sobram” entre as moradias, são cultivados os produtos tradicionais: amendoim, milho, feijão, batata-doce e fumo, numa demonstração de como os Guarani adaptam-se às condições concretas que lhes são ofertadas, adequando-as ao modo de vida tradicional. Caminhando com as crianças por uma trilha que atravessa a pequena mata que circunda as moradias, deparamos com um *mondéu*, armadilha tradicional para a caça do tatu, animal inexistente naquele contexto. As crianças, donas do artefato, construído mais com o intuito de ensinar, mostrando como ele é, riam e explicavam, na língua Guarani, o que era aquele objeto que me causou estranhamento. Nesse sentido, é importante ressaltar que, diante de toda a pressão da cidade, “do aperto dos brancos”, como costumam dizer, a Lomba do Pinheiro consegue manter um ritmo de vida em que sobressai o “mero estar”⁴ do qual partilho nas inúmeras

⁴ O “mero estar” com que deparo nas aldeias é um estar contemplativo que caracteriza tão bem o cotidiano das pessoas Guarani. Segundo Kusch (1986), “o mero estar americano” é a modalidade mais profunda da cultura pré-colombiana e que percebo como um dispor-se ao mundo, marcado pela contemplação.

tardes que passo na aldeia. E, como afirmam Melià e Temple (2004, p. 22), terra boa para o Guarani também é o espaço que se torna habitável: “Hay un pueblo y una casa donde se concentra su vida social y política. La tierra se convierte en plenamente humana cuando hay una casa y un patio”. Por isso, talvez a aldeia Lomba do Pinheiro seja a *Tekoá Anhetenguá*.

Apreendi muito acerca do modo de vida Guarani na convivência com as crianças, embora a sua maioria não entenda ou fale português. Constituí com os *Kyringüe* uma grande proximidade, que, sobretudo com os pequenos, é corporal: cumprimentam estendendo a mão e respondendo ao “*Aiko porã pa*”, gostam de colo e, com a vivaz curiosidade que os caracteriza, em geral estão próximos desde minha chegada à aldeia, observando atentos para entender o que está acontecendo. Alguns trechos do Diário de Campo⁵ ilustram a relação estabelecida com as crianças ao longo da pesquisa:

Fomos tomar banho no Rio Camaquã, acompanhadas pelas crianças. Está sendo muito divertida a convivência com elas, que perguntam, brincam, “mangam” e riem da gente, quando não entendemos suas falas ou com os “erros”, em nossas tentativas de falar no idioma Guarani. A percepção delas é aguçada: “a Cida tem medo de água, a Ana não tem”, traduz uma menina maior, quando indago sobre o que conversam entre si (Tekoá Igua’Porã, d.a., 19/1/04).

Na entrada da aldeia um grupo de Kyringüe faz uma “algazarra” com minha chegada: pedem carona. Sete crianças entram no carro, vão acenando para as pessoas que encontram no caminho que percorre a aldeia (Jataíty, 20/2/04).

Hoje as crianças estão muito próximas, me abraçam, vêm no colo. Ivete me pediu uma caneta (*Tekoá Jataí’ty*, d.a., 4/3/04).

Quando cheguei na Lomba, já haviam iniciado as falas, muitos Juruá sentados ao ar livre. Me acomodo também, as meninas se agarram em mim: Stéfani, Maria Luíza, Maria de Fátima e Mariana se revezam no meu colo

⁵ As citações do Diário de Campo estão identificadas com o nome da aldeia a que se refere o registro, seguida data em que foi escrito.

e se empurram para ficar ao meu lado. Penso que a presença de tantas pessoas não-índias faz com que se aproximem de quem já conhecem (Tekoá Anhetenguá, d.a., 21/5/04).

Em função de compreender o lugar da escola na vida da aldeia e, principalmente, das crianças, dirijo-lhes um olhar especial, observando-as em seu cotidiano: como ocupam seu tempo, como se relacionam, como e com o que brincam, como aprendem e ensinam e, especialmente, como são suas atitudes na e em relação à escola. Os jovens, especialmente meninos, estão sempre por perto nos momentos de reunião e mostram curiosidade com a escrita, às vezes solicitando materiais impressos. Na *Tekoá Iguá Porã*, conversei com muitos deles, pois, conforme informações de João Batista, “a partir dos 12 anos os pais ensinam as crianças a falar português”.

Nessa aldeia que fica na Pacheca há ocupação para todas as pessoas, sobretudo crianças, jovens e mulheres. Pergunto aos jovens sobre o que gostam de fazer, e os meninos respondem que gostam de pescar e caçar, principalmente aos domingos, com os parentes de sua idade. Como em todas as aldeias Guarani que conheço, nessa também há um campo de futebol, um esporte apreciado por todos. As crianças brincam muito, mas são poucos os brinquedos da cultura dos brancos e, mesmo, os brinquedos da tradição Guarani. Presenciei as crianças jogando bola, brincando na rede, meninos maiores brincando com peteca, que chamam *Manga* ou *Kapixua*, que se parece com o conhecido jogo de cinco-marias. No Cantagalo os adultos fazem esse brinquedo, conhecido por nós como petecas, com palha de milho, para vender.

Quando pequenas, as crianças não sofrem ingerência dos adultos sobre seu tempo, mas a partir da idade de 8 a 10 anos, especialmente as meninas, são requisitadas para o trabalho, colhendo mandioca, lavando pratos e, principalmente, cuidando dos irmãos menores. Vivendo numa aldeia com uma área de terra maior, com matas, rios e plantações, as crianças e os jovens estão sempre ocupados, e o aprender dá-se na vivência – pela experiência vão constituindo uma memória do fazer cotidiano, que lhes permitirá continuar sendo Guarani:

Na casa de Seu Mariano estavam preparando Mbujapé: Valéria, 12 anos, debulhava o milho; Rosana, 30 anos, e Dona Zeferina, 60 anos, socavam o milho no angua; Carmen, 30 anos, sentada no chão, ao lado do fogo, amassava e assava os bolos, enterrando-os na cinza. Todas as mulheres tinham uma ocupação nesse “ciclo de produção” do Mbujapé, desde a colheita do milho no roçado que circunda as moradias até a elaboração da farinha, o amassar e o assar. Os homens, sentados, conversavam, e alguns até circulavam entre os afazeres, providenciando a lenha. Eventualmente, algumas crianças eram acionadas para buscar água no poço (Tekoá Igua Porã, d.a., 19/1/04).

Em todas as aldeias vejo que as meninas envolvem-se intensamente com os afazeres domésticos: assumem o cuidado dos irmãos mais novos, o preparo dos alimentos e a limpeza dos pátios, que são varridos regularmente. No Cantagalo, meninas adolescentes também são responsáveis por lavar roupas. No verão essa atividade é realizada no córrego que atravessa a aldeia, mas já predomina a utilização do tanque de alvenaria, que acompanha a bica de água instalada no pátio de cada moradia.

Para as crianças pequenas a vida é mais folgada: aos *Kiryngüe* cabe brincar! Uma característica das aldeias Guarani que conheci é a presença de muitas crianças. Andam sempre em grupo, penduradas nas árvores, enfeitando, com uma plasticidade única, a paisagem da aldeia. Silenciosas e inventivas, nas suas mãos tudo se transforma em brinquedo. Alguns registros do diário de campo exemplificam minha admiração pela forma como transitam na aldeia do Cantagalo, entre adultos que as respeitam e com elas se alegram:

Um menino, de cerca de dois anos, brinca com um tijolo dentro da escola – lugar em que o coral de que Neuza, sua mãe, participa, está ensaiando. Não se ouve nenhum som dos movimentos suaves do menino, que transporta o tijolo, coloca-o sobre uma cadeira, leva-o para outro lugar, coloca outros objetos sobre ele, num jogo que o envolve completamente. Olha para mim, ri, se esconde atrás da escrivaninha e continua a brincar. Assim fica mais de duas horas, sem recorrer a sua mãe, que está envolvida com o grupo de canto (20/08/04). Lá longe, observo um grupo de crianças brincando numa árvore: trepam nela, se balançam. Está quente, e as crianças menores

estão sem roupas (24/10/03). Sobre uma colcha estendida no pátio, um grupo de seis crianças brincava de forma harmoniosa, num jogo de faz-de-conta: a maior delas era a enfermeira, que via febre, examinava os ouvidos dos menores e falava algumas palavras em português. Outra menina nina-va um filhote de cachorro como um bebê e falava em Guarani. Quatro crianças um pouco menores faziam parte da cena; às vezes se afastavam do pano, retornavam e retomavam a interação (25/2/04).

Como é próprio do modo de ser Guarani, os *Kyringüe* são respeitados em seus fazeres e observados em seus comportamentos. Cada pessoa revela suas características recebidas por ocasião da concepção e é compreendida pela *Kunha karái*, que nomeia um a um de acordo com o lugar do zênite de que adveio sua alma. Não observo recriminações diante dos mais variados comportamentos, que, sob meu olhar, jamais excederam a pequenas “manhas”, como diríamos no modo *jurua*. As crianças estão sempre atentas e dispostas a colaborar nos afazeres domésticos, especialmente as meninas. “Os meninos só trazem lenha, mas não ajudam em nada”, explica Maria Eugênia quando perguntei sobre o que fazem os meninos. Já as meninas, a partir de uma certa idade, que varia de uma para outra família, assumem muitos dos trabalhos da casa. No período em que frequentei com maior intensidade a aldeia Lomba do Pinheiro, pude acompanhar a filha mais velha de Maria Eugênia, que na época tinha nove anos de idade. Ao nascer sua irmã, Maria de Fátima começou a ser requisitada: lavar roupas, cuidar dos irmãos menores, fazer *xipá*, mexer nas panelas, e, aos poucos, a vi assumindo, quase por inteiro, os trabalhos de casa.

As marcas da educação tradicional na vida *kyringüe*

Observando atentamente as características da educação tradicional Guarani, tento compreendê-las a partir de sua cosmologia, sublinhadas como marcas que sobressaem ao olhar e que, a meu ver, devem ser consideradas ao se pensar e praticar a escola de inspiração ocidental dentro da aldeia. Acompanhando as crianças em seu fazer diário, aparece, nos expressivos olhos negros, a *curiosidade*, que busca apreender o mundo, descobri-lo para si: desde a

forma de estender um pano⁶ para sentar-se e brincar sobre ele, imitando as mães que costumam sentar-se no chão, sobre uma colcha, até os passos ritmados da dança e do cântico que acompanha os movimentos corporais durante os rituais ou as apresentações dos corais. “Para aprender tem que perguntar”, repetia várias vezes o professor Alberto, quando indagado sobre como ocorre a aprendizagem na perspectiva Guarani, pressupondo a curiosidade que move a pessoa na direção da pergunta.

O aprender, acionado pela curiosidade, privilegia a *observação*, que configura um traço sobressalente e que busca no fazer, muito mais do que no dizer, possibilidades concretas para o aprender. A pessoa é, desde pequena, uma observadora da natureza, da qual se sente parte, tendo-a como fonte inspiradora de vida e de educação, mas é, também, uma observadora do comportamento de outras pessoas. Especialmente os pequenos têm nos irmãos maiores e nos adultos seus parâmetros e, pela *imitação*, constroem seus comportamentos particulares. Nesse sentido, desde pequena a pessoa observa, inspirando-se naquilo que a rodeia, tendo como exemplo as imagens que estão a sua disposição, buscando assemelhar-se ao outro e, a partir daí, constituir um comportamento próprio, que também a distinga. As crianças imitam nas brincadeiras e nas demais situações da vida, pois acompanham os adultos nas mais diferentes atividades.

Nessa perspectiva, as crianças Guarani desenvolvem-se a partir dos modelos que observam, imitando e, principalmente, fazendo. Empregando uma categoria cara e de difícil concretização nos processos educativos ocidentais, realço como característica da educação dos *Kyringüe* a *autonomia*, que expressa a individualidade da pessoa, não como individualismo que a isola e afasta das demais, mas como reconhecimento de cada um no coletivo. São situações concretas que revelam uma forma de estar no mundo e se dispor a ele, desde o nascimento, em que o corpo abriga-se na carinhosa contigüidade propiciada pela proximidade amorosa do colo da mãe e na comunicação

⁶ Observo que é costume no Cantagalo, especialmente entre as mulheres, estenderem um pano no chão para sentarem, prática imitada pelas crianças.

corporal que se estabelece nas brincadeiras, nas danças, no contato com irmãos e outras crianças do grupo familiar, com o pai, com os avós e demais parentes, mas que evidencia, também, o quanto cada pessoa deve, desde pequena, responsabilizar-se por si.

Destaco também a *oralidade*, presente não apenas na fala, mas na escuta respeitosa e atenta à palavra: escutar e entoar os cantos e dispor-se ao ensinamento que é oferecido pela palavra são marcas importantes da educação tradicional Guarani. Diante disso, reconheço que o *aprender*, mais do que o ensinar, está intensamente presente na vida das crianças e das pessoas em geral, e essa é uma postura necessária para se tornar Guarani de verdade. “Aprendi por mim, pela minha cabeça”, repetem quando perguntados sobre como aprenderam determinadas coisas, explicitando o movimento de busca e de autonomia presente nessa expressão.

E, como anúncio inicial que propus, ao evidenciar alguns pressupostos, destaco o *respeito*, atitude sempre evocada quando o assunto é educação tradicional. E não me refiro apenas ao respeito às pessoas mais velhas, qualidade reconhecida nos povos indígenas brasileiros, mas o respeito a cada pessoa na sua individualidade, na forma de expressão de si e na busca do conhecimento e dos seus limites, o que faz com que os adultos não repreendam as crianças, mas as observem e as acolham em suas características próprias, que vão, aos poucos, consolidando cada pessoa Guarani. Essas características, de forte presença no sistema de educação tradicional, não precisam da escola para sua transmissão, pois estão inseridas no *Nhande Reko*.

“A educação Guarani começa no berço, e assim vai crescendo e madurando culturalmente e na tradição. A educação Guarani é só viver dentro da cultura, aprender coisas da cultura e conviver juntos com a natureza”, afirmaram os professores Guarani da *Tekoá Anhetenguá*: Paulo Morinico e Alberto Sandro Ortega (Fórum Mundial da Educação, Porto Alegre, julho de 2004). Demonstram, com isso, uma visão abrangente de educação, elegendo-a como meio para afirmar a tradição, fio indispensável na confecção da pessoa Guarani. Assim o fazem em suas aldeias, em que todos são integrados nas práticas

tradicionais, tendo como parâmetro a convivência familiar e seus conselhos, ensinamentos e experimentações, o respeito entre si e pelos mais velhos, a vida comunitária que se desdobra na vivência da religião – nos rituais, na reza, no canto e na dança, na convivência habitual na *Opy*, na relação com a natureza e no mero estar-juntos que configura o tempo-espaço Guarani. São ensinamentos que se reatualizam nas narrativas míticas que passam de geração para geração, nos pequenos atos que compõem o cotidiano e nos rituais que marcam momentos importantes na vida da pessoa Guarani:

O pai e a mãe aconselham e não castigam a criança, pois ela ainda está fazendo seu lugar na terra. (...) De manhã os pais levantam, fazem fogo, fazem chimarrão e sentam com os filhos, para ensinar, falar, dar conselhos, para não brigar, para respeitar. As crianças também aprendem fazendo: hoje a Maikeli, 4 anos, lavou a louça. Ela tem que aprender junto com a mãe, que deixa fazer, não grita enquanto a criança faz. As meninas aprendem com as mães, já os meninos é diferente. Tem criança que não ouve os conselhos, então é porque é ruim (Tekoá Jataí ty, d.c., 8/6/04).

Essa explicação, proferida pelo professor Mário Karaí Moreira, da Aldeia Cantagalo, realça a importância da vivência para aprender e a palavra como componente central na transmissão de conselhos e ensinamentos, e, da mesma forma, destaca a importância do fazer e o respeito às características individuais de cada criança, características essas que devem ser observadas, perscrutadas pelos mais velhos. Para compreender essa postura diante das crianças, há que se reportar à concepção de pessoa, à importância reveladora do nome dado à pessoa pelo xamã, bem como ao lugar da palavra para os Guarani. A palavra reveste-se de sabedoria e materializa-se em conselhos: “Para isso tem muitas palavras. Por exemplo, você vai dar conselhos aos seus filhos. Isso é uma sabedoria. (...) tem criança chorona, a criança é brava. Não vive mais vida feia, não chores mais à toa, não fique brava, e assim vai falando” (Garcia, 2003, p. 168). Há um respeito ao viver autônomo de cada criança, em que cada uma, com suas características, revela seu modo de ser e descobre suas potencialidades, e, ao mesmo tempo, é orientada por palavras de sabedoria, de carinho e de suavidade que compõem os conselhos ou as narrativas

tradicionais, palavras prenhes de ensinamentos. Há, porém, um entendimento de que os traços básicos que conformam a pessoa lhe são próprios, por isso tal nome foi-lhe revelado no ritual de nomeação, nome que já diz das características intrínsecas da pessoa.

Há, na cosmologia Guarani, uma distinção entre as boas e más ações, no entanto os indivíduos não são responsáveis moralmente por elas, pois o bem e o mal são tidos como atributos naturais, constituintes de cada pessoa. As ações dos indivíduos são explicadas por sua natureza e, embora os parâmetros da tradição Guarani funcionem como reguladores da vida e dos comportamentos, não se inserem neles atributos morais, com respeito pela personalidade humana sendo fundamentado na concepção de que esta se desenvolve livre e independente em cada pessoa. Em conseqüência, intervenções educativas não são reconhecidas como eficazes enquanto a criança é pequena, sendo, eventualmente, submetida a procedimentos xamânicos, que clamam os cuidados do *Karaí* ou da *Kunha Karaí*, assim como também está sujeita à proteção e a estímulos mágicos. Por isso, não são comuns sanções, castigos e condenações, e tampouco prêmios e recompensas com base em julgamentos morais que acionam ações visando a adequar a pessoa a um comportamento idealizado, pois a virtude ou a falta dela revelam a natureza do ser. O que aparece como parâmetro para atitudes e comportamentos humanos não é um código moral, mas um compromisso de viver como Guarani, seguindo os ensinamentos revelados pelas divindades e transmitidos de geração a geração (Shaden, 1962, p. 67-68).

Por isso, as crianças acompanham os pais e as mães, os irmãos mais velhos e as outras pessoas maiores, e são desafiadas a experienciar, conhecendo seus próprios limites, o que torna pouco comum ouvir, por parte dos adultos, qualquer restrição ao fazer infantil numa aldeia Guarani. Se a criança tem vontade de descascar a sua cana,⁷ pode usar uma faca durante horas, que o

⁷ A cana-de-açúcar é cultivada em todas as aldeias Guarani que conheço, em maior ou menor quantidade. A garapa doce é muito apreciada e, especialmente as crianças, chupam direto no bagaço da cana, elas próprias tirando a casca, numa atividade que parece arriscada para mim, pois envolve facas e facões; porém, apesar dos meus anseios, jamais vi uma criança se machucar.

adulto não se intromete no seu fazer, deixando-a experimentar. Não se vêem crianças machucadas pelo uso de facas ou pela interação com o fogo, outra experimentação cotidiana das crianças. Há um “deixar fazer” que aposta na capacidade de cada pessoa. Em geral, quem introduz a criança na concretude da ação é o irmão maior, que propõe situações em que a criança menor é levada a fazer, observando e imitando o outro:

Sentadas em um pano no chão, Ivânia, treze anos, e Simone, três anos, a maior com um facão e a menor com uma faca pequena, descascam cana. Há um mimetismo nos gestos da Simone, que se esforça em seguir os passos da irmã maior na difícil tarefa. Acompanho-as com o olhar por mais de meia hora, admirando a beleza do momento, em que as duas conversam e riem, sorvendo o caldo doce dos bagaços da cana que preparam juntas, murmurando palavras na seqüência de atividades, que parte da maior para a menor. A proximidade amorosa e a comunicação corporal das duas irmãs são fortes nessa cena, que se repete diariamente na aldeia, como ato educativo que desenvolve a capacidade de observação, experimentando e imitando comportamentos, se fazendo Guarani (Tekoá Jataí ty, 8/4/04).

Observei, nas visitas à Aldeia da Lomba do Pinheiro, que não só as crianças acompanham os adultos, mas os adultos acompanham as crianças em suas atividades específicas, como brincar, escrever e desenhar, em que, principalmente, as mulheres olham de perto, rindo, fazendo comentários e, em muitas situações, envolvendo-se. É mais comum, entretanto, as crianças participarem das atividades dos adultos, como na cena que descrevo: “Maristela, dois anos, acorada junto a uma bica d’água, lava roupas com sua mãe, que ri e aprova suas ações, mesmo a menina molhando sua roupa e, do meu ponto de vista, ‘atrapalhando’ o desenvolvimento da atividade” (Tekoá Anhetenguá, d.c., 20/07/04). Também na Lomba do Pinheiro presenciei, várias vezes, crianças pequenas colocando batatas para assar nas cinzas, junto ao fogo de chão, acompanhando o cozimento do alimento com um pequeno pau e, de quando em quando, batendo nas batatas para ver se estavam prontas, imitando a atividade realizada por uma das mulheres adultas.

Muitas cenas da vida dos *Kyringüe* merecem destaque pelo que dizem da educação tradicional, como esta que, além de revelar a relação dos adultos com as crianças, evidencia a relação das crianças com o fogo, elemento sempre presente na vida Guarani:

Paulo organiza o cenário da aula: coloca dois colchonetes no chão e entrega folhas brancas e canetas hidrocor às crianças, que vão chegando aos poucos e forjando um lugar para si, entre as “frestas” dos que já estão sentados. Perto das crianças um fogo, onde os adultos aquecem a água para o chimarrão e para o café. (...) enquanto Paulo registra desenhos e palavras no quadro, Maria Eugênia, que circula entre as crianças, começa a transferir o fogo para fora do galpão. Seu filho de dois anos a acompanha e pega uma lenha incandescente. As outras crianças saem do raio de ação do pequeno, e a mãe observa, fala suavemente alguma coisa que se refere a Tata – fogo – aproxima-se, entrega ao menino um pedaço de lenha menor, com brasas em uma das extremidades, e os dois, sorrindo, efetuam o transporte do fogo para outro lugar. Em seguida, o pequeno se aproxima ao grupo, pega um papel e uma caneta e se põe a escrever, seguindo os mais velhos.

Não soube de nenhuma criança que se tenha machucado com fogo, tampouco vi adultos advertindo as crianças para dele ficarem distantes. Perguntei se é comum as crianças queimarem-se e ouvi uma negativa. “As crianças aprendem desde pequenas e sabem se cuidar”, disse-me um dia Silvana, afirmação que se confirma nas cenas concretas que presenciei. É assim que as crianças aprendem: fazendo, experimentado e tendo sempre os adultos por perto, não para reprovar ou dizer como fazer, mas observando o modo de cada criança movimentar-se no mundo. Os conselhos, em geral, são proferidos nos momentos em que sentam em volta do fogo para conversar e, algumas vezes, na própria situação de conflito. O exemplo citado por Marcos Terena sobre a educação das crianças de sua etnia, em recente palestra que abordou “Saberes Tradicionais”, no Fórum Social Mundial– FSM (Porto Alegre, 2005), estendeu essa compreensão de educação para outros povos indígenas do Brasil. Contou ele que, certa vez, presenciou um menino movimentando-se ao redor do fogo, chegando perto, mexendo. Nenhum adulto interveio, apenas quando

a criança encostou a mão numa brasa e sentiu o calor do fogo é que aprendeu, estabelecendo, por si, o limite de sua ação. “Aos adultos cabe aconselhar e conversar com as crianças, fazendo com que elas acompanhem o cotidiano da aldeia, aprendendo na prática”, afirmou o palestrante indígena.

É comum passar uma tarde inteira na aldeia e não ouvir um só choro, uma queixa, uma briga ou um pedido de ajuda para resolver conflitos, situações que me soavam estranhas nos primeiros dias do estar-juntos nas aldeias, acostumada a outra forma de relação das e com as crianças, especialmente a intervenção constante dos adultos e as queixas dirigidas a estes. Segue um trecho do diário de campo que expressa a admiração com que contemplo as crianças, bem como a reflexão que provocou o estar com elas no meu primeiro dia de estadia na *Tekoá Igua’Porã*:

As crianças brincam sem a intervenção dos adultos: vi dois pequenos se desentenderem diante de um balanço, mas por conta logo se entenderam e nem olharam para os adultos, que agiam como se as crianças não estivessem ali. Ouvi uma mãe dirigir suavemente a palavra ao seu filho pequeno – de pouco mais de um ano de idade – que jogava uma madeira para o alto, como se fosse uma bola, e que poderia cair na sua própria cabeça, constituindo um risco imediato. O comportamento dos adultos restringe-se a retirar a criança da situação de perigo, como, por exemplo, quando uma criança maior brincava com um facão perto de um menino pequeno, ambos compartilhando um espaço de interação com um grupo de Kyringüe: a mãe afastou a criança menor do raio do instrumento cortante, mas não fez nenhuma repreensão ao que manuseava o facão. As crianças se tocam muito, mais entre as meninas que entre os meninos. Sentam no colo umas das outras, rolam, se jogam no chão embolando seus corpos, sem se agredirem. Vivenciar esse momento mágico da vida dos Kyringüe me faz pensar que a não-intervenção dos adultos cria uma curiosidade especial nas crianças, que têm que buscar suas próprias aprendizagens, aprendendo por si, confeccionando sua autonomia. Observam, imitam, fazem! Nenhum adulto se antecipa para ensinar, e transparece o esforço de cada criança para aprender. Talvez essa seja uma explicação da esperteza, da agilidade e da presteza que demonstram os Guarani para aprender (Tekoá Igua’Porã, d.c., 18/1/04).

Talvez tenham sido essas características a surpreender também os cronistas europeus que escreveram sobre a educação das crianças Tupinambá, ainda no século 16, reconhecendo que os adultos jamais diziam às crianças algo que poderia ofendê-las, tampouco as castigavam, agrediam ou repreendiam, concluindo que essa maneira livre de criar as crianças as levava a nunca fazer algo que desagradasse a seus pais, sendo a obediência e o respeito aos mais velhos uma regra seguida com rigor por todos os membros da tribo.

Quando pequena, ainda sendo amamentada, a criança passa grande parte do tempo no colo, atendida prontamente em todas as suas necessidades: jamais presenciei uma criança chorando à espera de um horário determinado para mamar ou no aguardo do colo da mãe, ocupada em outra atividade. Sobressai um movimento de busca, em que a criança procura o seio, demonstra a sua iniciativa na resolução do seu problema e, em geral, encontra a disposição alegre da mãe e de todos os adultos que a rodeiam. As crianças são o centro das atenções e dos cuidados e, quando pequenas, passam a maior parte do tempo no colo da mãe, presas em seu corpo pelas tradicionais *Mon-dea*. A proximidade amorosa e a comunicação corporal dão-se por meio desse contato pele a pele, produzindo aprendizagens afetivas em que a sensibilidade é acionada como fio primordial na confecção da pessoa Guarani, que tem a emoção, o coração e o sentimento na base de sua aprendizagem.

Aprender com o coração, como repetidas vezes dizem os Guarani, leva a uma reflexão desse significado de aprendizagem. Kusch (1977) levanta algumas questões acerca do pensamento indígena e das decorrentes concepções de conhecimento. Para os ocidentais, em geral, a emoção é malvista, sinônimo de irracionalidade, diferente do que significa no pensamento indígena, em que a coerência interna da cultura é dada exatamente pelo afetivo. O coração, no pensamento ameríndio, é muito mais que uma parte do corpo e, muitas vezes, é usado com um significado que, para o Ocidente, seria equivalente à inteligência. Para o povo *Quechua*, por exemplo, o termo coração é entendido quase como uma faculdade psíquica, dada sua importância nas relações de aprendizagem e na constituição da pessoa. Kusch afirma (1977, p. 50) que “el corazón ha sido desde antiguo el órgano que, a la vez, ve y siente. Tiene el

valor de un regulador intuitivo del juicio”. Observa o autor que esse juízo é tanto racional quanto irracional, e “se trata de una especie de coordinación entre sujeto y objeto, con el predominio de um sujeto total”.

Ao começarem a caminhar ou avizinhando-se outro filho, como alguns casos que observei, inicia-se também um novo período de aprendizagem: a criança começa a viver mais “solta”, mais à vontade, descobrindo seus limites e suas possibilidades. Compreendo essas atitudes em relação à criança como necessárias para a sua autonomia, e isso se expressa em todos os aspectos da vida. É difícil ver um adulto alimentando uma criança de dois, três ou quatro anos, nem mesmo as vestindo: as próprias crianças buscam suprir suas necessidades e procuram agasalho a partir de uma necessidade sentida. Avalio, assim, os comportamentos que observei e que, muitas vezes, são motivos de críticas por parte de pessoas não-índias, que entendem essas atitudes como falta de cuidado. Também vivi momentos de estranhamento em relação às atitudes das crianças:

As crianças ficam mais expostas ao frio, pois não vejo intervenção dos adultos providenciando agasalho. Mesmo com a baixa temperatura de hoje, muitas crianças estão de chinelo de dedo, camisetas, e uma menina pequena no pátio de sua casa, acompanhada pela mãe, usando apenas uma saia. Ao ser perguntada por uma pessoa de fora que visitava a aldeia se a criança não estava sentindo frio, a mãe acorreu com uma blusa. Percebi que estava mais preocupada em atender à interpelação Juruá que às necessidades da sua filha de três ou quatro anos (Tekoá Jataí' ty, d.c., 11/6/04).

Penso que assim como aprendem a buscar as coisas por si, construindo sua autonomia ao precisarem resolver seus problemas, numa situação como a descrita anteriormente, as crianças também estão mais expostas e predispostas a ficarem gripadas, por exemplo. Outra ocasião da convivência na aldeia possibilitou-me refletir sobre a autonomia com que as crianças Guarani lidam no dia-a-dia, autonomia esta que nem sempre resulta num “final feliz”, como se fosse uma característica produzida apenas para o bem. Caminhava, numa tarde fria e chuvosa, acompanhando um grupo de crianças pela estrada que vai

até a escola, no Cantagalo. Nenhuma delas foi advertida pelas mães ou pessoas mais velhas para não molhar suas roupas ou seus calçados. Passando por uma poça d'água, fizeram uma brincadeira e mediam suas capacidades e seus limites, pulando para ultrapassá-la. Vi, como num filme de situações já vividas, adultos não-indígenas gritando para que as crianças evitassem pular e que não se molhassem, aliás, essa foi uma vontade minha naquele momento. Assim como os *Kyringüe* puderam experimentar suas capacidades e exercitar suas potencialidades sem a interferência dos adultos, os que molharam os calçados ficaram com os pés gelados e úmidos durante toda a tarde, o que, em geral, resulta em resfriados intermináveis no inverno gélido do Rio Grande do Sul.

É comum as crianças passarem uma tarde inteira sem chamar por um adulto, muito menos chorar, brigar ou se bater. Aliás, agressões físicas envolvendo crianças só presenciei duas vezes e por parte do mesmo menino, que bateu no primo menor e, em outra oportunidade, acertou uma pedra na irmã menor. Vi os adultos atenderem a criança agredida com presteza e não se referirem ao agressor, nem repreendê-lo ou pedir alguma explicação sobre seu ato, creio que pautados no entendimento de que cada criança tem um comportamento que lhe é próprio. Aliás, comportamentos que se sobressaem, como choro ou “brabeza”, como dizem os adultos Guarani, são pouco comuns. Registre, no Diário de Campo (08/04/04), que “os adultos são muito atentos ao comportamento de cada criança, e esse comportamento não é questionado, mas aceito. Por isso, vê-se pouca repressão às crianças, mas um acompanhamento constante, sem julgamento moral”. Essa perspectiva de não criar determinadas expectativas no modo de agir das crianças marca a fluência das relações com os adultos. Assim procedem também em relação à escola, que não se constitui em uma frequência obrigatória, mas em uma vontade pessoal de cada criança, dado que contribui para um ambiente suave, leve e tranquilo nas aulas que acompanhei.

A natureza é a grande inspiradora na e da educação tradicional do Guarani, e não é separada da vida dos humanos: pessoa, cultura e natureza como uma totalidade não separável. Ao mesmo tempo que aprendem a se

relacionar com todos os elementos da natureza, experimentam o limite na relação com cada um e aprendem a respeitá-la como um todo. No Cantagalo e na Pacheca vi como as crianças são exímias nadadoras, tanto no açude quanto no rio. A água, no entanto, também tem seus limites, e aprendem que, ao anoitecer, não podem banhar-se, porque seu espírito pode prejudicar a pessoa. O mesmo ocorre com a mata, parte intrínseca da vida Guarani: caminhar nela, conhecê-la e explorá-la, senti-la em si, mas nunca ultrapassar o limite que impõe às pessoas, que, assim, aprendem a força majestosa da natureza, das plantas e dos animais. Os animais, tendo sido pessoas, mantêm com elas afinidades importantes. São comuns apelidos de animais, mostrando que comportamentos humanos e animais aproximam-se.

E, como parte da natureza que vive ciclicamente, os ciclos da vida das pessoas são respeitados, reconhecidos e ritualizados: a cada fase da vida, comportamentos e tratamentos próprios e adequados, e diante das mudanças que transformam jovens em adultos, um ritual que singulariza essa passagem. Um estudo realizado por Laricq (1993) em uma aldeia Guarani na Província de Misiones, Argentina, dedicou-se ao entendimento das etapas da vida das pessoas Guarani, estudo que partiu de um referencial teórico piagetiano que, no meu entendimento, direcionou sobremaneira o olhar do pesquisador ao classificar as crianças. A descrição etnográfica que apresenta, porém, detalhando várias maneiras de agir, mostra que o povo Guarani também se preocupa e está atento para as características de cada idade de suas crianças. Da mesma forma, em minha pesquisa, tive oportunidades de observar diferentes comportamentos das crianças e dos adultos diante delas, adequando-se à descrição aqui apresentada.

Segundo Laricq (op. cit.), há uma primeira etapa, desde o nascimento aos 3 anos de idade, em que a imitação diante dos maiores imediatos é a forma privilegiada de aprender, aspecto que salta aos olhos, tanto fora quanto dentro da escola. A imitação continua sendo o elemento básico da aprendizagem também dos 3 aos 6 anos, porém as ações comunitárias são o alvo principal da curiosidade das crianças nesse período da vida, segundo o referido autor. A partir dos 7 anos aparecem indícios de uma expectativa de participação social

por parte dos adultos em relação às crianças, principalmente das meninas, que são requisitadas para os afazeres domésticos. Esse fazer, contudo, associado à aprendizagem: “Eu mando fazer algum servicinho para elas aprender”, comentou Silvana, referindo-se às tarefas que indica para suas filhas.

Retomando o que dizem as pessoas Guarani, “a educação na cultura é integral”, é educar em todas as coisas, sem separá-las do local onde ocorrem. Não precisa levar a um lugar específico para aprender, mas aprende-se no estar aí, ao dar-se ao mundo: a fala dá-se ao redor do fogo, na sombra da árvore; pescar e caçar são aprendidos acompanhando os adultos; cozinhar ocorre no fogo de verdade; descascar a cana implica manusear uma faca quando a criança deseja chupá-la... É nesse universo, em que sobressai uma peculiar cosmologia, que está se inserindo a escola, requisitada por algumas aldeias Guarani.

E a escola, onde fica na vida *Kyringüe*?

A escola é um evento recente nas *Tekoá Anhetenguá* e *Tekoá Jataí’ty*. Observo que há um cuidado com a introdução da escola na vida da aldeia, acionando muitas discussões, reflexões e, por vezes, conflitos, que expressam também a ambigüidade vivida entre um querer e um não querer.⁸ Existe um sistema educacional Guarani que prescindiu da escola, e é à intromissão dessa instituição não-indígena, que historicamente tem tido um papel destruidor da cultura, que as pessoas da aldeia, principalmente os velhos, ficam atentos. E, junto com os professores indicados pela comunidade, estão ocupados em constituir uma prática escolar que possibilite um diálogo mais equilibrado com a sociedade não-indígena. A escola, contudo, acontece, e, nas muitas horas de aula que acompanhei, percebi um modo muito peculiar de estar na sala de aula.

⁸ Essa ambigüidade, expressa por um querer e um não querer escola na aldeia, está mais bem detalhada em Bergamaschi (2004, 2005).

Ao final de uma das muitas tardes que passei na Escola *Karaí Arandu*, na *Tekoá Jatai´ty*, numa quarta-feira ensolarada de julho de 2004, registrei o que descrevo a seguir e apresento como uma amostra da vida *Kyringüie* na escola. Configura um cenário muito diferente do que costumamos ver nas escolas não-indígenas e indica uma apropriação, uma recriação da instituição escolar constituída na modernidade ocidental:

As crianças chegam aos poucos – meninas sentam de um lado da sala, meninos de outro. Algumas, menores, sentam-se em volta da mesa do professor. As mesas e cadeiras estão todas voltadas para o quadro-verde, onde estão escritos dois textos na língua Guarani. Logo no início da aula conto treze crianças, todas sentadas. O professor distribui uma folha de papel para cada criança desenhar: “hoje é aula de artes”, diz ele, dirigindo a mim essa explicação. Aos poucos chegam mais crianças, que, suavemente, se integram ao trabalho. Um adulto entra na sala, acompanhando seus filhos, arruma duas cadeiras, os acomoda e sai, sem causar interrupção. No fundo da sala, duas crianças pequenas, com idades próximas a dois anos, brincam com um pano, estendendo-o no chão, imitando gestos comuns das mulheres da aldeia. Sentam-se, cruzam as pernas, riem muito. Não falam, mas há uma expressiva comunicação corporal, ao se tocarem, ao dividirem a brincadeira, ao imitarem o gesto de descascar uma cana, deixada ali por um menino maior que está agora fazendo o trabalho da aula. É uma cena que encanta! Não sei se as mães foram acionadas, mas, em instantes, uma delas chega, pega seu filho no colo, e o outro pequeno a segue. Não há choro, nem reclamação. Mais um grupo de crianças se aproxima da entrada da escola: ficam encabuladas, paradas na porta – talvez pela minha presença. Há um clima acolhedor na aula, o que basta para fazê-los entrar. A sala está repleta: vinte e duas crianças sentadas – duas, bem pequenas, acompanham de pé o desenho dos irmãos maiores. Nesse momento, na sala de aula, as idades variam de 3 a 13 anos. (...) Há uma vivacidade em cada um, nos olhos, no corpo que não se anula entre as classes. Se sentem vontade de sair, saem sem pedir autorização, logo retornam. Os passos são imperceptíveis. Lembro-me das palavras de kaka Werá Jakupé: “Guarani toca a terra, acaricia o solo”. É assim que caminham, com suavidade, tocando e acariciando o solo, ou mesmo a madeira do galpão onde funciona a escola. Entre eles há uma proximidade amorosa: não falam alto, não brigam, não há necessidade de o professor chamar a atenção. Estão concentrados em seus desenhos, que, segundo o professor,

se referem ao que fizeram hoje, ao que sonharam, ao que está em sua imaginação. “Tita está desenhando o que sonhou. Alguns andaram de ônibus, e é isso que desenharam”, diz o professor. Observo que uma criança procura na pasta seus antigos desenhos e imita-os, copiando flores que já desenhou. As crianças usam muito a observação e a imitação para aprender, para realizar suas tarefas. Um outro menino copia colocando sua folha sobre a figura do livro didático. A maioria deles desenha elementos da natureza: árvores, rios, peixes, nuvens – em todos os desenhos aparece um sol, o Kuarai, e alguns estão acompanhados de palavras, em Guarani. Ivete me explica a sua produção: “o menino está caçando com arco e flecha, e a menina olha para o peixe. Ela pode pescar, mas não pode caçar. São índios”, explica a menina. A imaginação das crianças está permeada pela tradição! Acompanho o Diego, que desenha nuvens e raios, sol e plantas. Um caminho que atravessa um pequeno rio, no final uma casa. O professor diz que é um “desenho cosmológico”. Dedicam-se uma hora e meia à atividade, o professor não interfere. A vida do interior da sala de aula é muito próxima à vida de fora: as pessoas passam, conversam com o professor através da janela, um cachorro fica sentado ao lado da classe de um menino. Algumas crianças saem, retornam. O professor não pressiona, não “aperta”, diriam eles. (...) A aula termina quando termina o envolvimento com a atividade (Diário de Campo, 14/7/04).

Mesmo sabendo não serem suas as práticas escolares, enxertadas desde a cosmologia ocidental, ali na aldeia, longe da intervenção direta dos *Juruá*, fagocitam⁹ essa escola e constroem formas próprias de ensinar a aprender. E, não obstante todas as intromissões de uma instituição alheia ao modo de vida Guarani, observo, na escola da aldeia, um modo próprio de estar dos *Kyringüe*.

Referências

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. *Nhembo´e* ; Enquanto o Encanto Permanece! Processos e Práticas de Escolarização nas Aldeias Guarani. 2005. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, 2005.

⁹ Kusch (1986) busca o conceito fagocitação na Biologia e usa como metáfora para explicar a permanência indígena na América, não destruída totalmente com a chegada do europeu, mas que, para se proteger do estranho invasor, fagocita-o, modificando-o também.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. *Por que querem e por que não querem escola os Guarani?* Tellus, Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas – Neppi. Campo Grande, MS: UCDB, ano 4, n. 6, vol. II, abr. 2004. p. 107-120.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. *Diários de Campo*.

GARCIA, Wilson Galhego (Org.). *Nahde rembypy – nossas origens*. São Paulo: Ed. Unespe, 2003.

KUSCH, Rodolf. *América profunda*. Buenos Aires: Bonum, 1986.

KUSCH, Rodolfo. *El Pensamiento Indigena y Popular en America*. Buenos Aires: Hachette, 1977.

LADEIRA, Maria Inês; WERÁ TUPÃ, Leonardo. *Condições ambientais do território guarani: implicações no modo de vida*. Tellus, Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas – Neppi. Campo Grande, MS: UCDB, ano 4, n. 6, vol. I, abr. 2004. p. 51-63.

LARICQ, Marcelo. *Ipytuma – Construcción de la persona entre los Mbya-Guaraní*. Misiones: Editorial Universitaria, 1993.

MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MELIÀ, Bartolomeu; TEMPLE, Dominique. *El don, la venganza y otras formas de economia guaraní*. Asunción del Paraguay: Cepag, 2004.

SCHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962.

Anexo

Vocabulário de palavras e expressões do idioma Guarani¹⁰

Avaxi ete: milho sagrado, cujas sementes os antigos guardam e carregam consigo em seu caminhar; logo que se fixam numa terra, plantam-nas, mesmo que em diminutos espaços.

Juruá: assim são chamadas todas as pessoas não-indígenas.

Kapixu: jogo muito apreciado nas aldeias Guarani, semelhante ao que conhecemos por cinco-marias.

¹⁰ Os termos estão descritos segundo meu entendimento, cujos significados foram constituídos após a leitura de autores estudiosos do povo Guarani e, em muitos aspectos, são discordantes entre si. Procurei construir um consenso de utilização e entendimento dessas expressões, por meio da interlocução com as pessoas Guarani das aldeias.

Karaí: (homem) *Kunha karaí* (mulher). Chefe espiritual responsável pela aldeia Guarani. Coordena os rituais, atribui o nome à pessoa Guarani, é responsável pelas curas, enfim, é o xamã.

Kuarai: sol.

Kyringüe: crianças, criançada.

Manga: brincar. É também o nome atribuído à peteca, brinquedo que dizem ter sido inventado pelos Guarani.

Mbita: bolo de milho. Um alimento produzido com milho verde ralado, amassado e assado na cinza, entre folhas de bananeira.

Mbujapé: bolo. Alimento de milho (socado no pilão) ou farinha de trigo com água, sovado e assado nas cinzas.

Mondea: o jeito de carregar os bebês amarrados ao corpo com uma tira de pano. Os bebês ficam a maior parte do tempo no colo de suas mães, em geral presas pelo *Mondea*, que permite às mulheres dar conta de outros afazeres sem abrir mão do cuidado com a criança pequena.

Mondéu: armadilha colocada no mato para caçar tatu.

Nhande Reko: “Nosso modo de ser”. O modo de ser Guarani, sua cultura, também denominada Guarani *Reko* ou *Mbyá Reko*, referindo-se a essa parcialidade.

Nhembo’e: escola, estudo. É a expressão usada para referir a educação escolar e as práticas decorrentes dela.

Tata: fogo.

Tekoá: lugar bom para o Guarani viver, para construir a aldeia Guarani. Espaço adequado para viver o *Teko* – o modo de ser Guarani.

Xipá: bolo de farinha de trigo ou milho frito no óleo.

Opy: lugar sagrado do estar-juntos do povo Guarani. A casa de reza.